

**SENTIDOS ENTRE O VELADO E O DESVELADO:  
A LEITURA DA NARRATIVA  
INFANTIL CONTEMPORÂNEA<sup>1\*</sup>**

**Flávia Brocchetto RAMOS**  
**Neiva Senaide Petry PANOZZO**  
**Taciana ZANOLLA**  
(Universidade de Caxias do Sul)

**RESUMO:** Os textos de literatura infantil contemporâneos exploram a interação entre palavra e ilustração de forma marcante, potencializando uma característica que acompanha o gênero desde sua origem, no século XVII. Diante dessa peculiaridade da obra infantil, constata-se a necessidade de investigar o papel do leitor no processo de significação desses textos. O presente estudo apresenta possibilidades de leitura da narrativa infantil *Ah, cambaxirra, se eu pudesse...*, escrita por Ana Maria Machado e ilustrada por Graça Lima (2003). Buscam-se sentidos possíveis para a obra através da análise de seus constituintes verbais e visuais e das relações que podem ser estabelecidas entre esses códigos. Observou-se que a interação entre palavra e imagem é um elemento de construção do texto, permeando toda a obra. A ilustração desempenha diversas funções, não apenas auxiliando a compreensão do que é expresso pela palavra, mas também ampliando significados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Leitura; Literatura infantil; Linguagens verbal e visual; Sincretismo de linguagens; Narrativa verbo-visual.

**RESUMEN:** Los textos de literatura infantil contemporâneos exponen la articulación entre palabra y ilustración de forma a agregar una característica del género desde su origen, nel siglo XVII. Esa condición peculiar de los libros crea la necesidad de investigar lo papel del lector nel proceso de significación de esos textos. Este escrito presenta una posible lectura del libro infantil *Ah, cambaxirra, se eu pudesse...*, de la escritora Ana Maria

---

<sup>1\*</sup> O presente estudo contempla parte das investigações realizadas na pesquisa *A produção de sentido e a interação texto-leitor na literatura infantil*, desenvolvida na UCS, com o apoio da FAPERGS.

Machado y la ilustración de Graça Lima (2003). Los sentidos posibles son buscados por medio del análisis de los constitutivos verbales y visuales, y de las relaciones establecidas entre los mismos. Ha sido observado que la combinación entre palabra y imagen es presente en la construcción del texto, por toda la obra. La ilustración tiene diversas funciones, no solo para comprender la palabra, y más, interviene en la ampliación de los significados del texto.

PALABRAS-CLAVE: Lectura; Literatura infantil; Language verbal y visual; Hibridismo de lenguages; Narativa verbo-visual.

## 1 INTRODUÇÃO

“Ah, cambaxirra, se eu pudesse [...]” (MACHADO, 2003) é um conto que pertence à literatura popular. Ana Maria Machado adaptou essa narrativa para a linguagem escrita, e Graça Lima a traduziu para a visualidade. O texto possui a estrutura de conto cumulativo, própria das narrativas orais. No conto, o pássaro cambaxirra faz um ninho no galho mais bonito da floresta, mas surge um lenhador para cortá-la. Ao pedir que ele não a derrube, ouve: “Ah, cambaxirra, se eu pudesse [...]” (MACHADO, 2003, p. 9). E o lenhador justifica-se afirmando que recebeu a ordem do capataz, uma pessoa de quem ele tem muito medo. Cambaxirra, então, procura o capataz, a fim de impedir que o lenhador corte a árvore. Mas o capataz também diz receber ordens, neste caso, do barão. “E morro de medo dele” (MACHADO, 2003, p. 11), conclui. Ela vai até o barão [...] Dessa forma, o passarinho procura outros superiores que possam impedir a derrubada da árvore, ouvindo de todos a mesma resposta: “Ah, cambaxirra, se eu pudesse [...]”. Acumulam-se personagens, numa espécie de “lenga-lenga”. O conflito se resolve quando, finalmente, a protagonista chega até o imperador e esse, sob a ameaça de a cambaxirra pedir a ajuda de “todo mundo” (MACHADO, 2003, p. 25), e acrescenta “a todo mundo junto.” (MACHADO, 2003, p. 25) ordena que a árvore não seja cortada. Ocorre, então, a confraternização de todos sob a sombra da árvore.

Enquanto narrativa verbo-visual, Ah, cambaxirra, se eu pudesse [...]. é composta por palavra e imagem, linguagens com as quais o leitor, seja criança ou adulto, interage durante a leitura. Neste estudo, propomos que a significação de narrativas desse gênero organiza-se pelas relações que se estabelecem entre as linguagens constitutivas do texto. Nesse sentido, buscamos possibilidades de significação da obra de Machado e Lima a partir da análise dos signos verbais e visuais e da interação entre ambos. Partimos de reflexões de Luís Camargo (1995) sobre as funções da ilustração e do estatuto da literatura infantil apresentado por Regina Zilberman (1998).

## 2 CAPA: A EMBALAGEM DO LIVRO

O leitor estabelece o primeiro contato com a obra através da capa. Dessa forma, ela exerce a importante função de seduzir para a leitura, atraindo a atenção e convidando o leitor a adentrar o universo que o livro guarda. Na capa de *Ah, cambaxirra, se eu pudesse [...]*, destacam-se o título e o nome da autora, sobre um fundo amarelo, além das ilustrações.

A frase que constitui o título está em evidência, contornada com um barbante amarelo, sendo possível perceber os fios mais finos que o compõem, o que sugere relevo e lhe confere um caráter artesanal. As linhas fechadas que se formam no interior das letras estão preenchidas com cores diversas, e toda a frase encontra-se em uma faixa amarela – a mesma cor utilizada como fundo na maior parte da obra – sobreposta à ilustração. Esses recursos dão destaque ao título, que lembra ao leitor a resposta a um pedido, um desabafo, talvez, pressupondo diálogo com o interlocutor. Dessa forma, o título não oferece informações diretas sobre o conteúdo da narrativa, como personagens ou conflitos, o que instiga a curiosidade do leitor. Além disso, por ser constituído de signos lingüísticos e elementos visuais – cores e fio amarelo –, ele sugere o entrelaçamento entre as linguagens para a construção de sentido, em

um processo que permeia todo o texto. Durante a leitura do conto, o leitor irá descobrir que a frase que dá nome à obra representa a fala dos personagens com quem a protagonista dialoga durante a narrativa. “Ah, cambaxirra, se eu pudesse [...]” é a justificativa para não ajudar a cambaxirra a salvar sua árvore. Logo, o título também anuncia uma expressão que se repete diversas vezes ao longo da história e se explica durante a leitura, pontuando um elemento importante para a significação do conto.

As ilustrações presentes na capa oferecem ao leitor elementos que permitem elaborar hipóteses sobre o tema e o conteúdo da narrativa. A imagem principal ocupa metade da capa e mostra um pássaro pousado na mão de um rei. A postura de ambos sugere uma conversa, sendo que a figura do monarca se destaca pelo tamanho e pelo predomínio da cor amarela em suas vestes e coroa. O passarinho parece mais agitado, com as asas e o bico abertos, enquanto a expressão do rei – olhos fechados, boca semiaberta – lembra escuta e acolhimento. Esses personagens estão em uma floresta, representada por árvores ao fundo, que chamam a atenção por seu colorido. As ilustrações do segundo plano distinguem-se do primeiro por seu aspecto inacabado – traços de contorno visíveis, ultrapassando os limites das figuras, pintura sem uniformidade e apenas em algumas partes da imagem. Essa característica do segundo plano é recorrente nas ilustrações do miolo do livro e parece ser uma estratégia para destacar os personagens, que estão em primeiro plano.

As expressões do pássaro e do monarca propõem harmonia e amizade entre ambos, o que não se confirma durante a leitura do texto. Pelo contrário: a cambaxirra e o imperador entram em confronto, trocando ameaças, até a cambaxirra afirmar que pediria auxílio a “todo mundo junto” (MACHADO, 2003, p. 25), “convencendo” o monarca a dar a ordem que salva sua árvore. Dessa forma, a ilustração da capa estaria ampliando os sentidos da narrativa, uma vez que a amizade entre os dois personagens só seria possível depois da resolução do conflito, expressa no desfecho da

história. Por outro lado, a imagem também evidencia oposição entre ambos, através da diferença de tamanho entre o pássaro e o ser humano: enquanto a cambaxirra cabe na mão do imperador, este ocupa a maior parte da imagem, sendo que partes de sua figura ficam fora da ilustração. Essas diferenças lembram os papéis antagônicos representados pelos dois personagens na narrativa, já que defendem objetivos contrários: cortar a árvore *versus* salvá-la.

Figura 1:  
Parte de capa da obra<sup>2</sup>

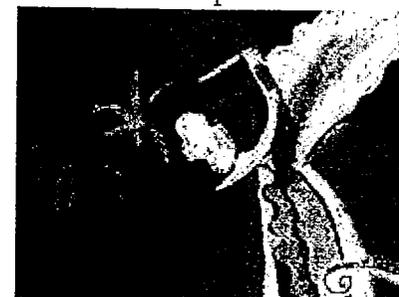


Figura 2:  
Discussão entre cambaxirra e imperador, na página 22 do livro



<sup>2</sup> Todas as imagens presentes neste arquivo pertencem à obra estudada. Foram produzidas por Graça Lima, que gentilmente permitiu que fossem inseridas no artigo.

Entretanto, se a imagem principal da capa, de certa forma, contradiz o que está expresso no miolo do livro, ampliando seus sentidos, a pequena faixa ilustrada, aparentemente decorativa, localizada acima do título, traz referências sobre o conflito que se desenrola. Nela, podem-se ver arbustos coloridos, diferentes entre si, e passarinhos em torno deles. A forma colorida como se apresentam esses pássaros é muito semelhante à da cambaxirra, que está representada na ilustração principal da capa, na mão do imperador, sugerindo que seriam da mesma espécie. Os arbustos, por seu colorido e diversidade, lembram “a árvore de galho mais bonito da floresta” (MACHADO, 2003, p. 7) onde a cambaxirra construiu seu ninho. Esses elementos podem simbolizar a relação amorosa do passarinho com a árvore, o que motiva a sua luta para salvá-la e, por conseguinte, o conflito da narrativa.

Em uma primeira leitura, entretanto, as figuras da capa não se oferecem totalmente à compreensão do leitor. É preciso finalizar o processo de apreensão do texto, que inclui a leitura do livro, para elaborar novas conexões de sentido na ilustração da capa, como a faixa superior, com os passarinhos, que passa de mera decoração a portadora da relação amorosa entre pássaro e árvore e do anúncio do conflito. A ilustração principal da capa também pode ser ressignificada ao final da obra, acrescentando sentidos à história, uma vez que sugere amizade e entendimento entre a cambaxirra e o monarca.

A capa, neste caso, oferece pistas ao leitor sobre o conteúdo do livro. Isso é feito de uma maneira não convencional, pois as informações sobre personagens e conflito são apresentadas pela linguagem visual, enquanto a maior parte das obras infantis as veicula através do título, linguagem verbal. Também aparecem signos recorrentes da narrativa, propondo referências ou “pistas” para a leitura, representadas pelo fio, pela frase do título, pela cor amarela e pela própria protagonista. Além disso, alguns elementos da capa, como as ilustrações, ampliam os sentidos do texto que se encontra no miolo do livro.

### 3 A FLORESTA, A PROTAGONISTA E O FIO CONDUTOR

A apresentação da floresta como cenário da narrativa ocorre, primeiramente, na capa, e é feita pela visualidade. Além do aspecto de desenho inacabado que já mencionado, as cinco árvores representadas no plano de fundo da ilustração principal são diferentes umas das outras em sua forma e cor. O cenário também está representado na contracapa. À direita, ao lado de um comentário sobre a coleção *Conta de novo*, da qual a obra faz parte, observa-se a representação de uma floresta, com árvores de variadas formas e cores e pássaros brancos e negros. Destaca-se a inovação dessa imagem, seja pela diversidade de cores e formas, seja pela disposição de seus elementos – a ilustração é vertical e há árvores desenhadas da margem esquerda para a direita, contrariando a forma convencional de representação de baixo para cima. Embora a diversidade já estivesse presente na floresta da capa, em segundo plano, é visível que a imagem da contracapa recebe um tratamento diferenciado. Há detalhes nas árvores e linhas de contorno definidas; a pintura é uniforme, em cores mais vivas que as utilizadas na representação da capa. Esse tratamento dá à floresta a importância de um primeiro plano e sinaliza a relevância desse espaço natural na narrativa.

Figura 3: Árvores ao fundo da capa

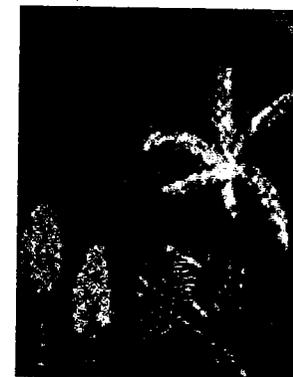


Figura 4: Árvores na abertura do livro, nas páginas 2 e 3 da obra

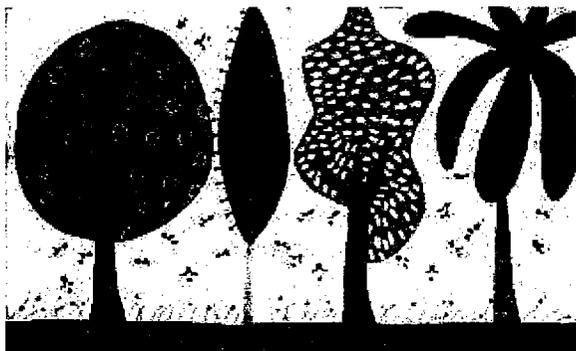


Figura 5: Árvores na contracapa



Os elementos constituintes da “embalagem” do livro tanto sinalizam representações da floresta como antecipam o cenário da

narrativa, tais aspectos são referendados na ilustração dupla nas páginas dois e três. Essa imagem do miolo do livro apresenta árvores de diferentes formas e cores, seguindo a tendência apresentada nas ilustrações já observadas. Há também pássaros, coloridos em preto, branco e vermelho. O plano de fundo é amarelo, assim como na capa e na contracapa.

Nota-se a diversidade como característica que se destaca em todas as representações da floresta, na capa, contracapa e páginas iniciais. Propõe-se um espaço não-convencional para o desenrolar da narração, utilizando a diferença como elemento enriquecedor e rompendo padrões de representação convencional de uma floresta. Também a forma de apresentar o cenário é inovadora: antes do início da narrativa verbal, a imagem já apresenta o espaço, assim como a protagonista. No centro da página seguinte à floresta, encontra-se a cambaxirra, em posição de destaque, dentro de um círculo contornado pelo fio que já mostrado na capa. Dessa forma, a ilustração cumpre o papel de situar o leitor, antecipando-se à palavra. É importante lembrar que a cambaxirra é diferenciada, pela ilustração, dos demais pássaros da obra, seja por sua forma, seja por sua cor. Essa caracterização justifica-se por suas atitudes ao longo da história: é determinada, persistente e esperta, enfim, singular em comparação aos demais personagens.

Enquanto a palavra narra a trajetória da protagonista para salvar a árvore, a ilustração a apresenta como um personagem ativo – a abertura das asas e do bico sugere dinamismo e decisão. Essas características destacam-se especialmente na ilustração da página vinte e dois (Fig. 2), em que a cambaxirra conversa com o imperador. Sua postura ativa e segura, apesar das ameaças do monarca, a configuram como um passarinho diferente dos demais e também dos personagens humanos, que temem seus superiores e não tomam atitudes para ajudá-la. Percebe-se, portanto, que imagem e palavra se inter-relacionam para a construção da identidade da protagonista, pois ambas oferecem elementos constituintes de sentido, significativos também pelas interações que estabelecem entre si.

A moradia da cambaxirra, apresentada pela palavra como “a árvore de galho mais bonito” (MACHADO, 2003, p. 7), surge, primeiramente, apenas como um galho onde o pássaro constrói seu ninho. Na ilustração seguinte, pode-se observar toda a árvore, já sob a ameaça do lenhador. A qualificação dada à árvore pelo verbal justifica-se, na imagem, pelo tronco arroxeadado e folhas magenta. Ou seja, a árvore de galho mais bonito é diferente das demais, é única, seja pela sua configuração visual, seja pela relação que a cambaxirra estabelece com ela. Novamente, o leitor interage com palavra e imagem para constituir significação.

Outro aspecto relevante na apresentação da narrativa é o fio, cuja presença é constante em toda a narrativa. Ele manifesta-se já na capa, na contracapa e na página de rosto, seja como o barbante amarelo que contorna o título, seja estilizado, como a linha que acompanha o nome do ilustrador e da coleção. Aparece também nas páginas ocupadas pela palavra, contornando a numeração das páginas e formando um espiral que se desfaz, estende-se até um dos lados da folha, ora acima, ora à direita, ora à esquerda.

Além de chamar a atenção do leitor para elementos do texto, como a protagonista, o título e a resposta dada à cambaxirra, a presença do barbante lembra a ligação que se estabelece entre os personagens durante a busca da protagonista. É como se o fio acompanhasse a cambaxirra, que está envolta por ele na ilustração da página quatro (quando é apresentada como protagonista ao leitor), e envolvesse plebeus e nobres na responsabilidade de salvar a árvore. Esse união é sugerida pelo formato espiralado das pontas do fio e por sua recorrência ao longo da obra.

#### 4 O DESENROLAR DA NARRATIVA

De posse dos sentidos atribuídos a partir da capa, contracapa e páginas iniciais, o leitor entra na história. Possivelmente tenha elaborado hipóteses sobre o desenrolar da narrativa, imaginando quais personagens estariam envolvidos, o que se passa entre eles

e em que lugar se desenvolve a ação. Nesse universo, é provável que estejam inseridos o pássaro cambaxirra e o imperador, assim como a floresta, apresentados, visualmente, na capa e nas páginas iniciais. Ao interagir com a narração do conto, o leitor irá adequando suas suposições aos elementos expostos, aceitando ou refutando hipóteses. Nesse processo, entra em jogo a negação, pois o texto oferece pistas que não se concretizam (ISER, 1996). O entendimento entre cambaxirra e imperador, sugerido pela ilustração principal da capa, pode se configurar como uma negação, uma vez que essa situação não está presente na história. O leitor, se supôs que os personagens iriam colaborar um com o outro, ao observar a capa, possivelmente abandonará essa hipótese durante a leitura.

A narração do conto é realizada através das linguagens verbal e visual. No miolo do livro, imagem e palavra estão dispostas sempre da mesma maneira: signos visuais, à esquerda, e signos lingüísticos, à direita. Essa disposição – elementos da capa, contracapa e páginas iniciais – anuncia a visualidade como primeira via de acesso à narração. Outras estratégias criam padrões que auxiliam o leitor na interação com o texto: os personagens, em primeiro plano, estão bem acabados, enquanto o segundo plano é representado sem tantas preocupações com acabamento. Além disso, as ilustrações têm fundos coloridos, enquanto a palavra está sempre sobre fundo amarelo. Esses recursos organizam os constituintes do texto e auxiliam o leitor mirim, facilitando-lhe a interação com a obra. Diante dessas características, percebe-se uma preocupação com a condução da leitura no planejamento da obra.

Os personagens nobres, desconhecidos da maioria das crianças, são descritos pela ilustração, à esquerda, e, a seguir, sua participação é narrada, pela palavra, à direita. Embora seja dado destaque ao primeiro plano da imagem, a presença dos cenários, em segundo plano, é de grande importância para a compreensão da obra. Ao retratar o lugar onde cada personagem vive, o cenário auxilia o leitor a construir suas identidades, já que, por pertencerem à nobreza, são desconhecidos da maioria dos leitores mirins.

O capataz, por exemplo, vive em uma casa, mas os nobres habitam castelos. Mesmo entre a nobreza, a caracterização das moradias contribui para a compreensão da hierarquia: o barão, que ocupa uma posição inferior na cadeia de poder, mora em um castelo menor e mais simples, enquanto o marquês vive em um castelo pomposo, tão extenso que apenas parte está representada no fundo da ilustração. Além disso, a expressão que dá título à obra e se repete na narrativa está presente também nas ilustrações, em faixas coloridas em torno de cada personagem que a pronuncia. Essas faixas eram um recurso utilizado nas ilustrações medievais, época a que pertencem os personagens da narrativa. Sua utilização, além de conter a expressão que dá o título à obra, contribui para a ambientação da história e do próprio leitor, pois oferece mais um elemento característico desse momento histórico.

As vestimentas também fornecem elementos para a caracterização dos personagens. As roupas e jóias os diferenciam, pois, à medida que a posição se eleva na hierarquia, mais pompa há na indumentária. O visconde, por exemplo, não usa jóias, embora suas vestes sejam de um nobre. Já o conde e o duque, além de roupas mais refinadas, usam jóias: o conde, que ocupa um lugar inferior, usa apenas enfeites na gola, enquanto o duque, subordinado direto do imperador, exibe colares enormes e tem os dedos repletos de anéis.

Opondo-se à ostentação, todos os personagens, plebeus e nobres – lenhador, capataz, barão, visconde, conde, marquês e duque –, têm estampada, em sua expressão facial e corporal, o medo. Olhos furtivos, mãos que escondem a boca expressam o temor que explica a omissão diante do pedido da cambaxirra – “Ah, cambaxirra, se eu pudesse [...] Mas não é comigo. Estou só cumprindo ordens. [...] E morro de medo dele” (MACHADO, 2003, p. 9). Essa atitude, que se repete ao longo da narração, destaca o comportamento decidido da protagonista da inércia dos demais personagens, como já foi citado anteriormente.

A caracterização física dos personagens também contribui para essa leitura, pois são tratados de forma caricatural, enfatizando

aspectos que os identificam. Destacam-se, por exemplo, o capataz, com seu cabelo azul; o barão, cuja cabeça é muito pequena em relação ao corpo; o visconde, com pernas finas e compridas, enquanto a barriga é enorme; o marquês, com sua cabeça preponderante. Todas as figuras humanas são ilustradas dessa forma: o imperador, o conde, o duque [...] A imagem não é espelho da realidade, mas cria uma forma representacional para caracterizar as pessoas e o ambiente. A aparência física dos personagens denota, em alguns momentos, fragilidade, e, em outros, truculência nas relações de poder. A cabeça pequena em relação ao corpo, como foi apontado na ilustração do barão, remete a alguém que não toma decisões. Já a representação das pernas finas ou de pernas curtas que sustentam uma estrutura pesada, no caso do visconde e do marquês, reforça a fragilidade desses personagens diante da hierarquia e, portanto, também da fragilidade do poder que eles simbolizam. Com exceção do imperador, os outros são também subalternos, e é nesse momento que se revela a ilusão da autoridade que eles representam, pois apenas fazem parte de uma hierarquia: temem seu superior e imprimem o mesmo medo que sentem a seus subalternos. Esses aspectos da ilustração levam à conclusão de que o poder representado por cada personagem é frágil e até mesmo falso, idéia confirmada pela palavra: “Estou só cumprindo ordens” (MACHADO, 2003, p. 9).

A forma caricatural empregada na representação dos personagens não é gratuita. À medida que a posição do personagem está mais próxima do topo, no qual se encontra o imperador, aumenta sua deformidade física. Tronco e barriga desproporcionais, cabeça enorme, aparência monstruosa – a ilustração do conde, por exemplo, lembra o vampiro Drácula – são elementos presentes na imagem que se intensificam com a proximidade ao monarca. Essa forma de apresentar os personagens lembra o perigo que o poder representa. O senso comum ensina que o poder corrompe, e não faltam exemplos à nossa volta para justificar esse alerta. É importante observar que, embora seja crescente também a sofisticação da indumentária, ela não consegue esconder a deformidade física dos

personagens. As figuras mais proporcionais são as do lenhador e do capataz, que se encontram no início da cadeia hierárquica, opondo-se às mais deformadas, do marquês e do duque, que ocupam a outra extremidade da hierarquia. Ou seja, quanto mais próximo ao poder, mais vulnerável à corrupção.

Ainda é importante mencionar a caracterização do imperador, que ordena a suspensão do corte da árvore. A palavra o apresenta como um monarca autoritário:

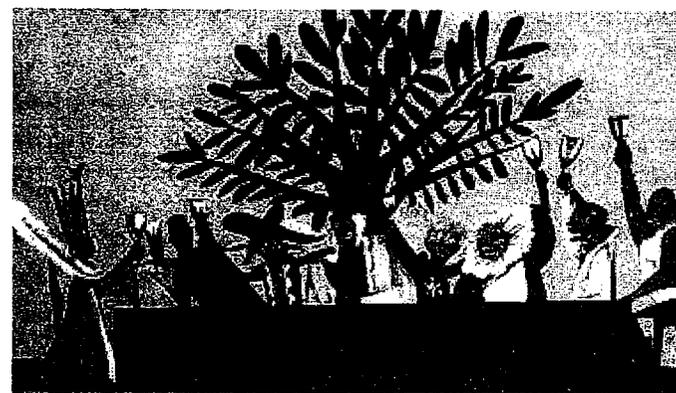
Em primeiro lugar, você devia me chamar de Vossa Majestade. Em segundo, não tinha nada que ir entrando assim pela janela e falando, devia marcar audiência. Em terceiro, faço o que bem entendo e não tenho nada que dar satisfação a ninguém. E vou dar uma ordem: saia daqui imediatamente (MACHADO, 2003, p. 23).

Na ilustração, vemos um personagem apontando o dedo para a cambaxirra, esbravejando e curvando-se sobre ela, tentando intimidá-la. Apesar do autoritarismo, o personagem é mostrado, visualmente, de forma bastante curiosa: parece pequeno dentro de roupas e coroa enormes, como a lembrar a fragilidade de sua condição humana em relação ao papel que tenta representar. O manto é especialmente emblemático, pois, sobre ele, estão escritas, várias vezes e de diferentes formas, as palavras “majestade” e “poder”. Esse poder é apenas um revestimento externo, que simbolicamente recobre um humano com limites. Uma leitura possível é que a autoridade pautada no medo não é autêntica, mas imposta, o que a torna frágil e superficial. Isso fica claro quando a cambaxirra percebe a fragilidade dessa autoridade e ameaça pedir ajuda de todo mundo junto, para salvar a árvore, obtendo do imperador aquilo que desejava. A ilustração seguinte à conversa entre a protagonista e o imperador, na página vinte e seis, apresenta o percurso da ordem dada pelo monarca, repassada a cada personagem da hierarquia por seu superior, resolvendo o conflito da narrativa ao cancelar o corte da árvore. Entretanto, não é esse o final apresentado pela obra.

Figura 6: Verticalidade do poder, na página 26



Figura 7: Desfecho da narrativa, nas páginas 28 e 29



A ilustração final ocupa página dupla e apresenta uma cena de festa. Todos os personagens envolvidos na busca da cambaxirra se distri-

buem em torno de uma longa mesa. Ou seja, a conquista do passarinho é comemorada por todos, uma vez que trouxe ganhos não apenas para a protagonista, mas também para os demais participantes do enredo. A disposição horizontal em torno da mesa, em atitude de brinde, leva ao entendimento, ao sucesso da cambaxirra e permite afirmar que as relações entre os personagens foram modificadas. Nota-se, porém, que os nobres não estão dispostos em ordem hierárquica e o clima de confraternização propõe amizade entre todos os convivas. Ao centro da imagem está a árvore que motivou toda a trama. A disposição dos elementos no espaço permite que se estabeleça uma relação da cena com representações da Santa Ceia, o que reforça a proposta de harmonia. Entretanto, é visível também que a ruptura da hierarquia não é total, pois todos os olhares convergem para o imperador, que ocupa uma das cabeceiras da mesa, e a separação entre nobres e plebeus continua presente. O lenhador e o capataz ainda ocupam uma das extremidades da mesa, que se opõe à outra extremidade, onde está o imperador.

Nesse contexto, o fundo amarelo, que se firma como elemento recorrente na obra, acompanhando a palavra e constituindo traço marcante nas ilustrações, também contribui para a significação do conto. A cor amarela sugere luminosidade, podendo remeter à ação da protagonista, cuja persistência e coragem desencadearam mudanças positivas ao seu entorno, considerando-se, de forma figurativa, que a cambaxirra “traz luz” a uma realidade obscura e oprimida pelo medo.

Nota-se que a visualidade cumpre um papel singular na obra. Além de apresentar ao leitor o cenário e o protagonista, antecipando-se à palavra, veicula o desfecho do conto, que não é referido pela linguagem verbal. Logo, cumpre diferentes funções ao longo da narrativa: descreve ambiente e personagens; complementa a palavra, como no final do conto; antecipa ou contradiz a linguagem verbal, como ser observa na capa, cuja representação principal se opõe à história narrada no interior do livro e pode apresentar uma cena posterior ao desfecho da narrativa. Dessa forma, o tratamento dado aos códigos lingüístico e visual permite ampliar os sentidos do texto. Enquanto à palavra é destinada a função principal de veicular as ações que se desenvolvem ao longo do conto, à ilustração descreve e acrescenta sentidos à narrativa.

## 5 POSSIBILIDADES DE LEITURA

Diante da análise dos constituintes verbais e visuais do texto, quais seriam as possibilidades de significação da obra? É impossível esgotá-las, pois o texto literário é polissêmico, de modo que o leitor constrói sentidos na interação com o objeto, a partir de seu conhecimento cultural, lingüístico e enciclopédico. Dessa forma, se cada sujeito atribui sentido à obra de acordo com sua experiência de vida e seus anseios, novas significações podem ser construídas a cada leitura, já que o texto é atualizado pela ação do leitor.

Entretanto, a atribuição de sentido não ocorre de forma aleatória: se dá a partir do texto, que apresenta limites dentro dos quais o leitor poderá construir significação. Existem os chamados vazios do texto, que o sujeito preenche com seu conhecimento e experiências (ISER, 1996), mas há também os constituintes da obra, ou seja, as “pistas” que devem ser seguidas na leitura. Na obra literária em análise, essas “pistas” são os elementos visuais e lingüísticos já investigados. A partir desses elementos, lista-se algumas propostas de sentido para *Ab, cambaxirra, se eu pudesse...*, cientes, como já foi dito, da limitação de tal estudo.

Entre as leituras possíveis da obra, encontra-se a valorização da diversidade, que fica evidente na representação da floresta, da “árvore de galho mais bonito da floresta” (MACHADO, 2003, p. 9) e da cambaxirra. A diferença é valorizada ao longo de toda a narrativa; era, por exemplo, o elemento que definia a identidade da protagonista, seja em sua aparência física, seja em suas atitudes. A iniciativa, a autonomia e a persistência do passarinho, inferidas a partir das ações que compõem a história, o diferenciam dos demais personagens. Ao destacar essas características da protagonista, que assume o papel de heroína no conto, o texto incentiva a criança e até mesmo o leitor adulto a cultivarem esses valores, que levam à emancipação pessoal, uma das características da literatura em geral e também da infantil (ZILBERMAN, 1998).

Opondo-se às atitudes da cambaxirra, observa-se o individualismo dos demais personagens. Ao pedir pela árvore, a protagonista ouve a mesma resposta de todos os subordinados ao imperador: “Ah, cambaxirra, se eu pudesse... Mas não é comigo. Estou só cumprindo ordens” (MACHADO, 2003, p. 9). O medo e a covardia contribuem para a existência e a manutenção de uma hierarquia baseada no autoritarismo. O comodismo também contribui para essa situação: em troca de posição, prestígio e dinheiro, os personagens assumem uma atitude submissa que mantém a cadeia de medo, mas também lhes proporciona “ganhos”. Entretanto, a persistência da cambaxirra e a união que ela propõe ao ameaçar o imperador – “Eu vou sair por aí e pedir ajuda a todo mundo” (MACHADO, 2003, p. 25) – mostram-se como meios eficazes de combate ao autoritarismo e ao jogo de interesses. A história mostra que todos têm responsabilidade ao manter ou desfazer esses laços. Nesse ponto, observa-se uma crítica às estruturas de poder e aos mecanismos que as sustentam. O texto desfaz a idéia de que a hierarquia não pode ser quebrada e de que apenas o chefe é responsável por sua existência.

Esse viés político aparece em outros momentos da narrativa. A deformidade dos personagens se torna mais marcante à medida que eles se aproximam do topo da hierarquia, onde se encontra o imperador. Essas representações podem ser lidas como um alerta sobre o perigo que o poder pode acarretar: a tentação de se utilizar a posição ou cargo em benefício próprio, como ocorria no conto. A menção às estruturas burocráticas do poder também aparece na fala do imperador, assim como o autoritarismo desse personagem: “Em primeiro lugar, você devia me chamar de Vossa Majestade. Em segundo, não tinha nada que ir entrando assim pela janela e falando, devia marcar audiência” (MACHADO, 2003, p. 23). O “marcar audiência” alerta claramente os entraves criados pela maior parte das instituições, seja em épocas distantes ou atualmente, a fim de (não) atender a população.

No entanto, o texto não fala apenas das eternas lutas da população para ter suas necessidades atendidas por aqueles que deviam representá-la. O conto atualiza também questões da natureza do ser humano, como a dicotomia essência-aparência, evidenciada pelo enorme descompasso entre a indumentária dos personagens nobres – jóias, roupas e penteados sofisticados – e sua estrutura física – cabeça, tronco e pernas deformados e desproporcionais. Esses elementos colocam o leitor diante do mesmo dilema dos personagens: qual é o preço que se paga para representar papéis sociais? O que é preciso para estar em harmonia consigo mesmo? No texto, apresentam-se as escolhas dos nobres e as conseqüências dessas decisões, o que pode ser pensado pelo leitor.

Outra leitura possível é a relação homem-natureza, presente, já na capa, pelo imperador e pelo pássaro. O final do conto orienta uma postura ecológica: a preservação da árvore onde a cambaxirra construía seu ninho. É importante observar que, mais do que defender a natureza, a protagonista lutou pelo objeto a que devotava amor e pelo local onde desejava viver.

As propostas de leitura construídas neste estudo consideraram os constituintes verbais e visuais do texto como portadores de sentido, assim como as relações que poderiam ser estabelecidas entre as duas linguagens. O objetivo não era apresentar uma análise minuciosa de obra infantil, mas comprovar, através da análise do conto, que o leitor interage com palavra e ilustração na leitura de narrativas verbo-visuais. Acredita-se, portanto, que é essencial considerar esse processo na formação de leitores proficientes, já que muitos textos em circulação – não apenas literários – envolvem o sincretismo de linguagens em sua significação. Considerar tanto a linguagem verbal quanto a visual e as inter-relações que se estabelecem entre elas na leitura de uma obra não enriquece apenas os sentidos atribuídos, mas auxilia a formar leitores competentes.

**Referências**

CAMARGO, L. *Ilustração no livro infantil*. Belo Horizonte: Lê, 1995.

ISER, W. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. São Paulo: Editora 34, 1996.

MACHADO, A. M. *Ab, cambaxirra, se eu pudesse...* São Paulo: FTD, 2003. (Coleção Conta de Novo)

ZILBERMAN, R. *Literatura infantil na escola*. 10. ed. São Paulo: Global, 1998.